

“A Casa Torre Eiffel”

Rubem Braga

DA mesmo uma grande pena saber que a «Casa Torre Eiffel», na rua do Ouvidor, está para ser derrubada. Só não o será se a Divisão do Patrimônio Histórico do Estado inscrever o edificio no Livro do Tombo. Nesse caso, considerado monumento artístico ou histórico (é as duas coisas, pois é um exemplar único e belo do *art nouveau*) o edificio não poderá ser destruído nem modificado.

Acontece que o tombamento de um tal edificio representa, para seus proprietários, um grande prejuízo. O Estado não os indeniza; assim eles não poderão construir naquele terreno valorisadíssimo. Uma nota de jornal chegou a insinuar que o governador Negrão de Lima estaria inclinado a aprovar o tombamento porque um dos proprietários é grande amigo do sr. Carlos Lacerda. Ora, nada é mais estranho ao caráter, ao próprio temperamento do sr. Negrão de Lima, que uma vingancinha desse tipo. Se ele tem defeitos, como toda gente, ninguém o poderá acusar de mesquinho nem de rancoroso.

Devo dizer que eu também sou amigo de um dos donos do edificio e compreendo muito bem o cuidado e o escrúpulo com que o governador está estudando a questão.

É claro que, mesmo como está, o edificio dá renda. Essa renda é, entretanto, muito pequena em relação às possibilidades do terreno. Os atuais inquilinos, sócios da firma comercial (um deles, por azar, também é meu amigo pessoal, com a agravante de ser cachoeirense) têm um prazo certo para desocupá-lo, e com isso perderão um ponto excelente; teriam de pagar uma pequena fortuna para conseguir outro equivalente. Estão, por isso, a favor do tombamento, e pedem assinaturas para um memorial dirigido ao governador nesse sentido.

O ideal seria que os inquilinos concordassem em um aumento substancial de aluguel (o que pagam é realmente irrisório para o ponto) e os proprietários desistissem de derrubar a casa, que seria tombada pelo Patrimônio Estadual. Ou que o Banco da Guanabara desse aos inquilinos um crédito para comprar o edificio por um preço que levasse em conta — de um lado o valor do terreno, de outro lado o provável tombamento do prédio. Qualquer dessas duas soluções é difícil, mas não é impossível; ambas preservariam aquela pequena jóia do fim do século.

319/66

151